

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A miluína no ensino de História: fonte Lunda para descolonizar narrativas sobre trabalho e poder na Educação Básica

Ariane Adriano Costa, Elaine Ribeiro

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15264>

Submetido em: 2026-03-02

Postado em: 2026-04-22 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A miluína no ensino de História: fonte Lunda para descolonizar narrativas sobre trabalho e poder na Educação Básica¹²

The Miluína in History Teaching: A Lunda Source for Decolonizing Narratives on Labor and Power in Basic Education

Ariane Adriano Costa

Discente do curso de História da UNIFAL-MG e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: ariane.adriano@sou.unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2856-5193>

Elaine Ribeiro

Professora doutora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Coordenadora do projeto Mukanda Histórica Digital, Alfenas, Minas Gerais, Brasil. E-mail: elaine.ribeiro@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3703-4426>

RESUMO:

O presente artigo apresenta uma análise crítica da miluína, uma insígnia de poder da população Lunda, da África Central, e examina seu potencial de uso como fonte histórica e recurso didático no Ensino Médio, a partir de uma proposta de ensino. O objetivo principal é demonstrar o potencial da miluína como fonte histórica capaz de desconstruir o eurocentrismo e as visões simplificadoras sobre trabalho e sociedade na África Central relacionados às temáticas do Imperialismo e da história do capitalismo. Para alcançar esse objetivo, foi utilizada a metodologia de análise de fonte, com a descrição da imagem e do seu valor simbólico, e análise de seu contexto social, seguida da elaboração de um plano de ensino detalhado com foco na crítica ao tempo linear e na comparação não-hierárquica de sistemas sociais. O processo de descrição da fonte e a elaboração da proposta didática foram aprimorados com o apoio de ferramentas de Inteligência Artificial, como o ChatGPT e o Gemini. Assim, propõe-se uma sequência didática que coloca a História da Lunda como protagonista, enfatiza a distinção entre valor simbólico e valor econômico e busca evitar o uso de ferramentas didáticas, como a linha do tempo, que possam reforçar concepções históricas eurocêntricas. Em conclusão, a miluína como fonte histórica é compreendida como um recurso essencial e prático para o ensino de

¹O presente *preprint* resulta das investigações empreendidas no projeto **Mukanda Histórica Digital**, desenvolvido no Departamento de História da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e sob financiamento da FAPEMIG. Para um exame detalhado do projeto, acesse a plataforma institucional: <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>

²Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade dos autores humanos.

História crítico, fornecendo subsídios diretos e concretos para o cumprimento da Lei 10.639/03 ao valorizar a complexidade das sociedades africanas, como é o caso da Lunda.

Palavras-chave: Imperialismo Europeu, História da África, Trabalho e Comércio, Lunda (África Central)

ABSTRACT:

This article offers a critical analysis of the miluína, an insignia of power of the Lunda people of Central Africa, and examines its potential as a historical source and didactic resource in High School education, based on a pedagogical proposal. The primary objective is to demonstrate the potential of the miluína as a historical source capable of deconstructing Eurocentrism and reductive perspectives on labor and society in Central Africa regarding the themes of Imperialism and the history of capitalism. To achieve this, a source analysis methodology was employed, including a description of the object and its symbolic value, alongside an analysis of its social context. This was followed by the development of a detailed lesson plan focused on the critique of linear time and the non-hierarchical comparison of social systems. The process of source description and the elaboration of the didactic proposal were enhanced through Artificial Intelligence tools, such as ChatGPT and Gemini. Consequently, the study proposes a didactic sequence that centers Lunda history, emphasizes the distinction between symbolic and economic value, and seeks to avoid the use of traditional tools—such as timelines—that may reinforce Eurocentric historical conceptions. In conclusion, the miluína is understood as an essential and practical resource for critical History teaching, providing direct and concrete support for the fulfillment of Law 10.639/03 by highlighting the complexity of African societies, specifically the Lunda.

Palavras-chave: European Imperialism, African History, Labor and Trade, Lunda (Central Africa)

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a relevância da História da Lunda, no contexto da África Central do século XIX, como eixo formativo para o ensino de História na Educação Básica. A abordagem propõe o reconhecimento das tradições materiais e simbólicas desse território como caminho para a descolonização dos conceitos históricos, tradicionalmente ancorados em paradigmas europeus. Busca-se, assim, oferecer uma nova perspectiva epistemológica que valorize outras formas de viver,

interpretar e representar o mundo, contribuindo para a superação das leituras unilaterais construídas após o imperialismo do século XIX.

O tema adquire especial importância à luz da Lei nº 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão das histórias africanas e afro-brasileiras no currículo escolar. Além de indicar a inserção de assuntos, essa legislação convoca a reorientação das narrativas históricas, deslocando o foco da escravidão e da colonização para o reconhecimento das complexas e sofisticadas organizações sociais africanas. Nesse sentido, compreender a História da Lunda significa não apenas estudar populações da África Centro-Occidental mas também questionar as estruturas epistemológicas que sustentam o ensino da História no Brasil.

Com base na competência específica de número 4 presente na BNCC, o objetivo é analisar as relações entre produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo como essas dinâmicas contribuíram para a construção, consolidação e transformação das sociedades. Pretende-se que os estudantes compreendam o significado do trabalho em distintas culturas e sociedades, suas particularidades e os processos de estratificação social, marcados por diferentes graus de desigualdade econômico-social e de participação política.

Contudo, o ensino da História da Lunda enfrenta um desafio metodológico significativo: a escassez de fontes primárias africanas acessíveis ou adaptáveis ao contexto didático, somada à persistência de narrativas eurocêntricas que subordinam a história africana ao papel de mero apêndice do expansionismo europeu. Essa limitação reforça um modelo de conhecimento hierarquizado, que marginaliza as epistemologias africanas e restringe a pluralidade de formas de compreender o passado. Na prática, docentes da Educação Básica deparam-se frequentemente com a ausência de materiais pedagógicos que permitam aos estudantes desenvolver análises críticas de documentos, valores e noções de tempo a partir de referenciais não europeus.

Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar e analisar criticamente uma fonte histórica da Lunda, a insígnia de poder miluína, e, a partir dela, propor uma aplicação didática concreta, voltada à realidade da sala de aula. A análise da miluína permite articular dimensões econômicas, sociais e simbólicas, oferecendo um ponto de partida para compreender a complexidade da vida política e tradição da Lunda. Assim, o professor encontrará neste material uma ferramenta prática para introduzir, de forma contextualizada, discussões sobre produção econômica, hierarquia social e valores simbólicos africanos.

MILUÍNA: INSÍGNIA DE PODER LUNDA NO SÉCULO XIX, FONTE HISTÓRICA E RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

O foco central deste artigo é a miluína, insígnia de poder do Muatiãnvua, Autoridade máxima para as populações Lunda, como fonte histórica. Por se tratar de um artefato profundamente enraizado em saberes locais e na organização política da Lunda, a miluína foi compreendida, nesta pesquisa, como um vestígio material e simbólico de práticas e relações sociais que estruturavam o cotidiano dessa sociedade. De acordo com o catálogo da Sociedade de Geografia de Lisboa (2012, p. 174), trata-se de uma insígnia de poder do muata, dignitário lunda com direito a "Estado". Era confeccionada com fibras vegetais, tecido, miçangas e contas, compondo uma estrutura interna de duas pontas feitas de fibras vegetais, revestidas por tecido e posteriormente envolvidas por fiadas de miçangas.

Figura 1: Fotografias da miluína presentes na dissertação de Lia Jorge.



Fig. 14 – Miluína (nº inv. 893)

Fonte: Jorge (2008, p. 54).

A partir dessa materialidade, a miluína foi analisada como um objeto de interstícios, conceito formulado por Santos (2016, p. 95) para pensar os espaços de negociação e tensão no interior do discurso colonial. Essa leitura considera não apenas sua função política, mas também o valor dos elementos que a compõem e o trabalho manual minucioso envolvido em sua confecção, conforme descreve Henrique de Carvalho (1890, p. 61). Nesse sentido, o adorno ultrapassa a condição de simples insígnia de poder, tornando-se um ponto de encontro entre diferentes regimes de significação: entre o simbólico e o político, o local e o colonial.

A análise desta fonte foi conduzida com base em uma metodologia descritiva, que evitou, em um primeiro momento, qualquer tipo de inferência sobre o material. Para isso, o processo foi dividido em etapas: inicialmente realizamos a descrição da fonte, e em seguida utilizamos uma ferramenta de inteligência artificial de nossa escolha para gerar uma segunda descrição. Observamos, contudo, que o texto produzido pela inteligência artificial apresentava inferências quase totais sobre o conteúdo, o que exigiu de nós uma revisão crítica. Assim, identificamos os aspectos úteis de ambas as descrições e, a partir dessa comparação, elaboramos um novo texto do zero, sem recorrer novamente ao uso de inteligência artificial.

A crítica metodológica da fonte foi orientada por uma leitura intersticial, cujo objetivo foi tensionar as narrativas construídas, evidenciando tanto as intenções colonizadoras quanto as brechas pelas quais emergiram reações, estratégias e subjetividades das populações locais. O conceito de interstício, neste contexto, é compreendido como o espaço ambíguo do próprio discurso colonial, um campo onde coexistem relações contraditórias, em que imposições hegemônicas convivem com agências marginais, sutis, mas ativas na produção e circulação de sentidos.

Ribeiro (2013, p. 97–98) observa que, embora a obra de Henrique de Carvalho tenha sido concebida para servir aos interesses do Estado português e seus projetos imperialistas, ele acabou por introduzir elementos que também favoreceram interesses africanos. Foi nesse espaço de contradição e ambiguidade que a pesquisa se inseriu, buscando interpretar as fontes não apenas pelo que expressam explicitamente, mas também por meio de seus silêncios e subtextos.

Para sustentar essa perspectiva, foi mobilizada uma base historiográfica crítica sobre a história da África Central de Elikia M'Bokolo (2009). O autor evidencia como os colonizadores buscaram compreender e reorganizar os territórios africanos por meio de expedientes etnográficos, ao mesmo tempo em que destaca a complexidade política das sociedades locais e o papel central da oralidade na legitimação do poder entre os Lunda. Assim, ao demonstrar que essas populações foram, simultaneamente, alvos de observação classificatória e protagonistas na produção de seus próprios significados, M'Bokolo (2009) contribui para compreender as fontes de Carvalho como produtos de uma relação histórica assimétrica, mas não unilateral.

Desse modo, o aporte teórico-metodológico possibilitou analisar a milúina não apenas como uma insígnia de poder descrita por um militar português, mas como um artefato carregado de sentidos em disputa, cujas interpretações podem ser exploradas no Ensino de História na Educação Básica para problematizar a agência africana e a colonização do conhecimento sobre a África.

Para compreender o potencial da insígnia milúina como instrumento de ensino da História Geral e da História da África/Lunda, o processo de análise foi estruturado em três eixos principais:

1. Contextualização e Leitura Atenta: A análise partiu de uma leitura aprofundada sobre o contexto político e simbólico da população da Lunda no século XIX, com ênfase em suas formas próprias de organização social e nas dinâmicas de poder que sustentavam as relações entre chefias locais e redes comerciais. Essa leitura foi acompanhada de um confronto entre as interpretações de fontes coloniais e as revisões historiográficas recentes que buscam revalorizar as epistemologias africanas. Obras como as de Ribeiro (2013) e Henriques (2019) permitiram reconhecer que muitas das categorias aplicadas pelos administradores portugueses, como as ideias de “trabalho improdutivo” ou “autoridade tradicional”, eram, na verdade, interpretações coloniais de práticas locais de resistência, reciprocidade e prestígio social. Assim, a leitura crítica da miluína, símbolo de poder e legitimidade, ajuda a evitar a reprodução acrítica do discurso colonial e a destacar as estruturas de sentido autônomas da Lunda.

2. Identificação do Viés e dos Silêncios: Nesta etapa, o foco recaiu sobre a identificação das linguagens e representações tendenciosas nas fontes coloniais, bem como sobre os silêncios que elas impõem às experiências africanas. Enquanto os relatos administrativos enfatizam a “ordem” e a “autoridade” segundo parâmetros europeus, a miluína revela formas próprias de legitimação política e relações sociais complexas baseadas na linhagem, no prestígio e na circulação simbólica de objetos. Reconhecer o que é omitido permite reconstruir uma narrativa histórica mais plural e coerente com as realidades africanas.

3. Análise do Potencial Didático: A insígnia miluína mostra-se uma ferramenta pedagógica valiosa para o ensino da História em dois níveis complementares. No campo da História Geral, ela possibilita discutir a análise crítica de documentos de Estado, problematizando as relações entre poder, representação e dominação. Já no campo da História da África/Lunda, permite compreender o impacto das políticas extrativistas e coloniais, ao mesmo tempo em que evidencia as respostas africanas de resistência, adaptação e continuidade. Assim, o documento não se limita a transmitir informação histórica: ele se transforma em um objeto de aprendizagem ativo, capaz de promover reflexões sobre valores, tempo, trabalho e poder a partir de uma perspectiva descolonizadora.

A partir dessas três etapas, construiu-se uma base sólida para o desenvolvimento de uma sequência didática aplicada à Educação Básica, que propõe a análise da miluína como eixo estruturante para o ensino crítico da História da África. Essa abordagem visa fortalecer a prática docente ao oferecer subsídios teóricos e metodológicos que permitam ao professor articular conteúdo, fonte histórica e reflexão historiográfica, deslocando o ensino de uma postura meramente informativa para uma experiência de investigação histórica.

A próxima seção apresenta a proposta de aplicação didática, com etapas, recursos e estratégias avaliativas voltadas à inserção dessa fonte na sala de aula.

PROPOSTA DE APLICAÇÃO DIDÁTICA:

O principal objetivo desta sequência didática é possibilitar que os alunos compreendam a história da Lunda no século XIX por meio da análise da insígnia miluína e do relato de Henrique de Carvalho (1890), exercitando a leitura crítica de fontes históricas, reconhecendo o viés colonial e ampliando a percepção sobre diferentes concepções de trabalho, valor e tempo.

A sequência é direcionada aos 2º e 3º anos do Ensino Médio, com duração estimada de três aulas de 45–50 minutos cada, totalizando aproximadamente 135 a 150 minutos de intervenção pedagógica.

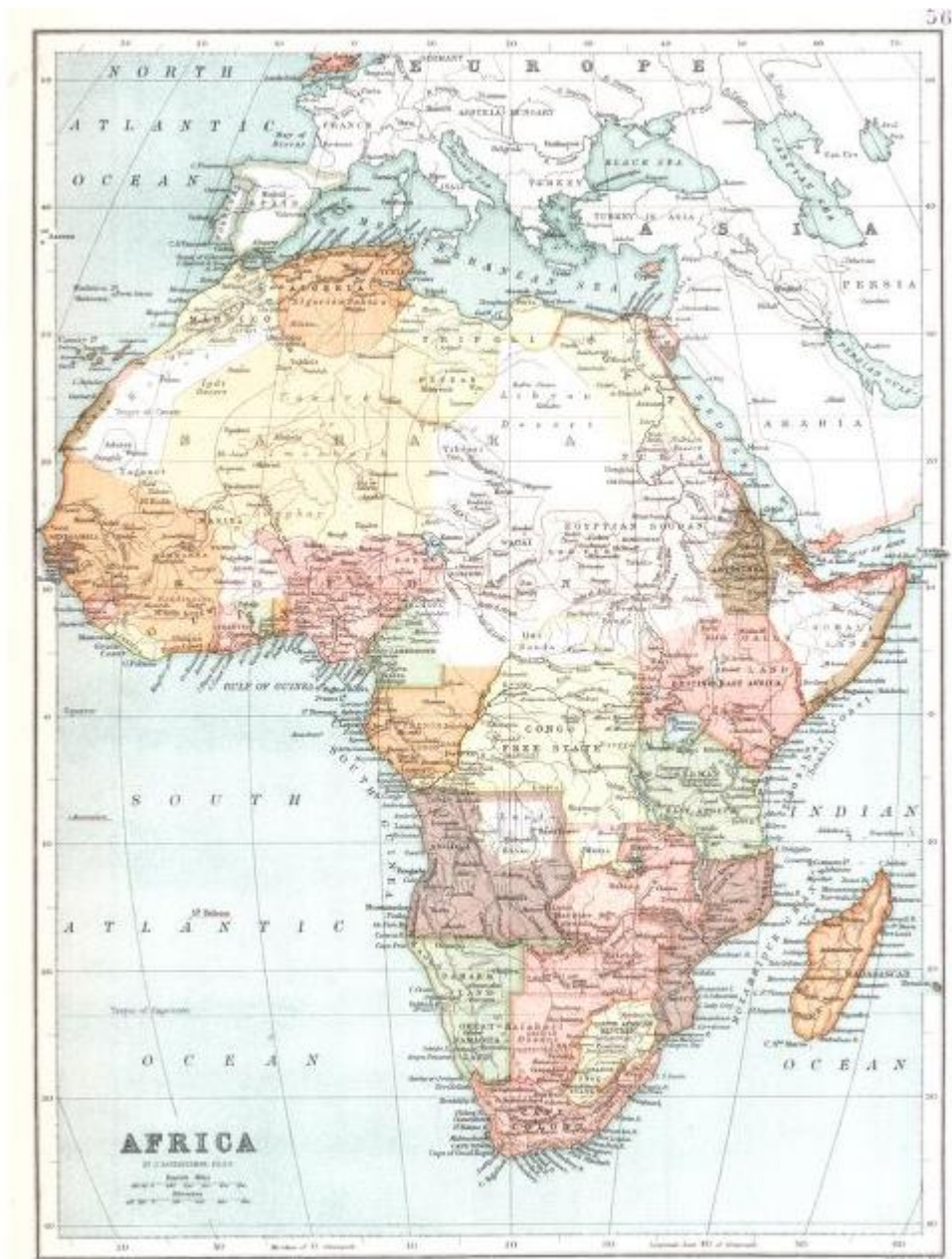
O professor inicia a aula apresentando o tema central: a história da Lunda e o significado da miluína enquanto insígnia de poder. Para isso, torna-se essencial contextualizar o período histórico e político da região, explicando a organização social, econômica e simbólica da população no século XIX. A análise parte do relato de Henrique de Carvalho, que descreve a perspectiva colonial sobre essa sociedade, incluindo suas hierarquias e distinções políticas.

São transportados em môhua, o Muatiânvua, o Lucuoquexe e o muata com honras de Muatiânvua, notando-se que poderá algum usar o distintivo na cabeça, *miluína*, e não ter a honra de ser transportado de môuha. Na corte actualmente só tinham essa distinção Muene Rinhingá, Muitia e Muene Casse. (Carvalho, 1890, p.226-227).

Nesse relato, Carvalho registra que apenas determinadas autoridades detinham o direito de utilizar a miluína. Ele afirma que o Muatiânvua, bem como outros, reconhecidos com honras equivalentes poderiam portar a insígnia. No entanto, o uso da miluína não necessariamente implicava outros privilégios políticos, como o transporte *môhua*. Dessa forma, a miluína é apresentada como um símbolo que expressa e materializa as relações de poder e legitimidade na Lunda, reforçando a importância de compreendê-la a partir de seus significados locais.

Para estimular o pensamento crítico, o professor projeta o mapa da região da Lunda e a imagem da miluína, e conduz uma breve exposição dialogada sobre o contexto da fonte. Os alunos são convidados a identificar palavras ou expressões que revelem a intencionalidade do autor, refletindo sobre o que a miluína simboliza e se existem equivalentes contemporâneos. Os recursos necessários incluem o mapa, a imagem projetada da miluína e a transcrição do trecho do relato de Henrique de Carvalho. A avaliação dessa etapa é feita a partir da participação dos alunos nas reflexões iniciais, observando a capacidade de identificar viés e reconhecer o valor simbólico da fonte.

Mapa 1 – Mapa da África de 1891 em que a Lunda aparece em destaque com relação à Angola.



Fonte: (Bartholomew J., 1891)

Na segunda fase, os alunos passam a realizar uma leitura crítica mais detalhada da fonte. O professor distribui trechos adaptados do relato colonial, destacando palavras-chave como “preguiça”, “autoridade” e “riqueza”, que carregam valores tradicionais específicos e refletem a visão europeia sobre a Lunda. Cada aluno é convidado a reescrever o trecho selecionado em primeira pessoa, imaginando como um morador da Lunda descreveria os mesmos acontecimentos ou práticas sociais, considerando suas próprias perspectivas de tradições. Em seguida, os alunos trocam seus textos com colegas para identificar diferentes concepções de valor, tempo e trabalho, reforçando a compreensão de que as categorias europeias não são universais. O principal recurso desta etapa é a cópia do documento e folhas para produção escrita. A avaliação é realizada considerando a coerência da

reinterpretação da fonte, a capacidade de reconhecer silêncios e resistências e o engajamento na análise das diferentes perspectivas.

A etapa final visa consolidar o aprendizado por meio da produção de um Quadro Comparativo Não-Hierárquico. Os alunos, individualmente ou em grupos, organizam em duas colunas as diferenças entre a lógica social e simbólica da Lunda e a lógica colonial europeia, utilizando palavras-chave, símbolos ou imagens, sem atribuir julgamentos de valor. O professor orienta a seleção de trechos críticos da fonte e a sua ressignificação a partir da perspectiva lunda. O recurso necessário inclui cartolinas, canetas coloridas e, opcionalmente, computador ou projetor para produções digitais. A avaliação considera a clareza conceitual e a coerência do quadro comparativo, verificando se os alunos foram capazes de articular análise da fonte, valor simbólico da miluína e confronto entre diferentes sistemas, consolidando a aprendizagem crítica e descolonizadora.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA E SEUS OBJETIVOS

Ao final da sequência didática, o(a) aluno(a) deverá ser capaz de:

- Analisar criticamente a fonte histórica: a insígnia *miluína* e o relato de *Henrique de Carvalho*, reconhecendo o viés colonial e as estratégias discursivas de poder presentes no texto.
- Identificar os silêncios, resistências e contradições nas representações coloniais sobre a população Lunda, compreendendo como as narrativas oficiais omitem as vozes e perspectivas centro-africanas.
- Comparar a narrativa oficial produzida pelos administradores coloniais com as experiências históricas e simbólicas da sociedade Lunda no século XIX, destacando as diferenças de valores, tempo e trabalho.
- Interpretar o valor simbólico e político da miluína enquanto artefato de poder, legitimidade e identidade, relacionando-o às concepções africanas de autoridade e reciprocidade.
- Reconhecer a pluralidade de sistemas políticos e epistemológicos, questionando a universalização dos conceitos europeus de civilização, trabalho e progresso.
- Produzir uma narrativa alternativa, escrita em primeira pessoa, que reinterprete o acontecimento histórico sob a ótica Lunda, exercitando o protagonismo de sujeitos históricos não hegemônicos.
- Construir uma síntese comparativa não hierárquica, evidenciando o contraste entre as lógicas simbólicas e materiais da Lunda e as imposições do pensamento colonial europeu.
- Aplicar conceitos de análise histórica e pensamento descolonizador, demonstrando autonomia intelectual na interpretação de fontes e consciência crítica sobre a produção do conhecimento histórico.

Etapa/Fase	Atividades (Instruções Claras para o Professor)	Recursos e Materiais	Avaliação/Produto Final
Fase 1: Introdução da Fonte (50min)	<p>Abertura Interativa: Registrar no quadro as palavras “trabalho”, “riqueza” e “valor” e discutir significados atuais;</p> <p>Contextualização Histórica: Exposição dialogada sobre o Reino da Lunda, com projeção de mapa e breve explicação de sua estrutura política e econômica antes da entrada portuguesa.;</p> <p>Apresentação da Fonte (15 min): Projeção da imagem da miluína e leitura guiada de trecho de <i>Henrique de Carvalho</i>. Alunos anotam expressões que indiquem viés colonial; Reflexão e Debate Inicial (15 min): Debate orientado: Quais intenções o autor demonstra? O que a miluína simboliza? Há paralelos com símbolos atuais de poder?</p>	<p>Mapa da Lunda (projeção); imagem da miluína; trecho de Henrique de Carvalho; quadro ou slides.</p>	<p>Participação e pertinência das contribuições no debate inicial.</p> <p>Critério: capacidade de identificar viés e simbolismo na fonte.</p>
Fase 2: Análise Individual e Produção Escrita (50 min)	<p>Leitura Dirigida: O professor distribui trechos curtos do relato colonial com palavras-chave destacadas (“preguiça”, “autoridade”, “riqueza”);</p> <p>Reinterpretação Escrita: Cada aluno escreve um pequeno texto em primeira pessoa, como se fosse um morador da Lunda descrevendo o mesmo</p>	<p>Cópia de trechos adaptados; folhas de registro; dicionário ou glossário; quadro para síntese coletiva.</p>	<p>Clareza conceitual e coerência na reinterpretação.</p> <p>Critério: capacidade de ressignificar conceitos sob perspectiva não europeia.</p>

acontecimento sob sua perspectiva (ex.: o significado da miluína ou do “trabalho”); **Troca de Textos:** Os alunos trocam os textos entre si e sublinham trechos onde perceberam diferentes concepções de valor ou tempo. **Sistematização Final:** O professor recolhe exemplos de expressões e cria no quadro um quadro-síntese com termos coloniais x termos lunda.

Fase 3: Síntese Crítica e Produção o Final (50 min)	<p>Produção do Esquema: Em grupos ou individualmente, criar um Quadro Comparativo Não-Hierárquico (Lunda x Europa Colonial), com palavras-chave, desenhos ou símbolos;</p> <p>Apresentação e Fechamento: O professor seleciona alguns esquemas e conduz uma síntese final destacando o diálogo entre diferentes sistemas de sentido.</p>	<p>Clareza conceitual e coerência da síntese visual.</p> <p>Critério: articulação crítica entre fonte, contexto e categorias analisadas.</p>
	<p>Cartolinas, canetas coloridas.</p>	

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente artigo buscou enfrentar o desafio metodológico do ensino da História da África na Educação Básica (EB), notadamente a escassez de fontes primárias acessíveis que permitam uma análise crítica e descolonizada em sala de aula. Para tanto, propôs a análise da miluína, uma insígnia de poder do Império Lunda no século XIX, transformando-a em uma fonte histórica e em um recurso didático capaz de confrontar visões eurocêntricas sobre a temática do trabalho e das noções de valor e de tempo.

Reafirmamos que o objetivo central foi alcançado: demonstrar o potencial pedagógico da *miluína* e, a partir dela, oferecer aos professores da educação básica uma ferramenta imediata e concreta para levar a perspectiva da complexidade lunda para o currículo. O valor do uso dessa fonte

reside na sua capacidade de deslocar o protagonismo narrativo. A *milúina* não é apenas um objeto de estudo, mas uma janela para compreendermos as lógicas internas de uma sociedade africana, onde a riqueza e a hierarquia estavam ligadas à ancestralidade e ao valor simbólico, um sistema radicalmente diferente do valor de troca capitalista.

O potencial pedagógico da proposta reside na metodologia da intervenção didática desenvolvida, especialmente no Esquema Comparativo Não-Hierárquico da Fase 3. Essa sequência didática sintetiza o que foi apresentado ao longo do texto: o professor é orientado a guiar o aluno a contrastar a lógica lunda com a lógica capitalista imposta, treinando o pensamento crítico para evitar o evolucionismo histórico. Ao trabalhar conceitos como "trabalho como relação social" versus "trabalho assalariado", os estudantes compreendem o Imperialismo do século XIX não como um passo inevitável na "linha do tempo" do progresso, mas como um violento e destrutivo choque de sistemas complexos.

Em conclusão, a relevância desta proposta para o ensino de história é inestimável. A integração de fontes materiais e simbólicas africanas, como a *milúina*, é essencial para a renovação do ensino de História no Brasil, contribuindo diretamente para o aprofundamento e o cumprimento qualitativo da Lei 10.639/03. Ao valorizar a profundidade e a agência da História da Lunda e de suas tradições, o professor tem em mãos um material que não apenas enriquece o currículo, mas forma uma consciência histórica mais crítica, inclusiva e verdadeiramente global.

REFERÊNCIAS:

Fontes:

CARVALHO, Henrique A. D. **Expedição Portuguesa ao Muatiânvua**. Ethnographia e História Tradicional dos Povos da Lunda. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890.

PEREIRA, Maria Manuela Cantinho. In Memoriam. In: SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA. **Memórias de um explorador**. A coleção Henrique de Carvalho da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: SGL, 2012.

Bartholomew J.. **Africa**. 1891. Disponível em: [http://cartweb.geography.ua.edu/lizardtech/iserv/calcrng?cat=Africa&item=/Africa1891j.sid&wid=1000&hei=900&rops=item\(Name,Description\),cat\(Name,Description\)&style=default/view.xsl&plugin=true](http://cartweb.geography.ua.edu/lizardtech/iserv/calcrng?cat=Africa&item=/Africa1891j.sid&wid=1000&hei=900&rops=item(Name,Description),cat(Name,Description)&style=default/view.xsl&plugin=true). Acesso em: Outubro de 2025.

Bibliografias:

JORGE, Lia Santos. **A Coleção Henrique de Carvalho da Sociedade de Geografia de Lisboa à luz de um plano de estudo e conservação e restauro**. Lisboa, 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia). Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) / Instituto Universitário de Lisboa (IUL).

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. Salvador/São Paulo: EDUFBA/Casa das Áfricas, 2009. Tomo I (Até o século XVIII).

RIBEIRO, Elaine. **Barganhando sobrevivências: os trabalhadores da expedição de Henrique de Carvalho à Lunda 1884-1888**. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTOS, Elaine Ribeiro da Silva dos. **Sociabilidades em trânsito:** os carregadores do comércio de longa distância na Lunda (1880-1920). 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-26082016-153408. Acesso em: 2025-10-05.

Declaração de contribuição dos autores

Ariane Adriano Costa: redação - rascunho original, análise formal, conceitualização e investigação

Elaine Ribeiro: aquisição de financiamento, administração do projeto, supervisão, validação e escrita- revisão e edição

Financiamento:

CAPES – PIBID e Fapemig

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi disponibilizado em Mukanda Histórica Digital e pode ser acessado em <https://app.unifal-mg.edu.br/historiadigital/>.

Declaração de uso de IA

Declaramos que a redação do presente trabalho contou com o suporte da Inteligência Artificial modelo Gemini 3.1 Pro, sob licença institucional da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), exclusivamente para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do artigo são de responsabilidade das autoras humanas.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.